

Economistas lutam contra preconceito

Os economistas encarregados do detalhamento do plano de ação econômica do candidato do PT à Presidência da República, Luiz Inácio Lula da Silva, têm pela frente a difícil tarefa de desarmar em três semanas o preconceito arraigado entre muitos empresários ao longo dos dez anos de existência do partido. A necessidade dessa tarefa ficou evidente na noite de segunda-feira, quando 120 pequenos e médios empresários praticamente exigiram dos assessores econômicos do PT respostas práticas sobre o que fazer na economia brasileira e saíram do encontro reclamando que a discussão "ficou muito no campo das idéias". A continuação deste complicado namoro ocorrerá no próximo dia 4 em um jantar entre pequenos e médios empresários e o candidato da Frente Brasil Popular em São Paulo, em local ainda não definido.

O encontro da segunda-feira foi o segundo reunindo economistas do PT e empresários, mas foi apenas a formalização de uma prática já diária para os assessores petistas. A discussão política do papel do Estado tomou boa parte da atenção dos presentes. Luis Dulce, secretário de Assuntos Institucionais

da Executiva Nacional do PT, garantiu que a Frente Brasil Popular não vê o Estado como um fetiche e não parte do princípio de que "tudo que é estatal é melhor que o privado".

Preconceito — O anfitrião do encontro, empresário Júlio Albertoni, estava satisfeito ao final, apesar do nitido desencontro verificado entre as linguagens dos economistas do PT e dos demais empresários. "Foi extremamente positivo, porque ajuda a desmistificar o conceito de que os pequenos e médios empresários serão prejudicados no governo de Lula", ponderou ele.

"As posições apresentadas serviram para um maior conhecimento das propostas do PT", ponderou Emerson Kapaz, presidente da Elka Plásticos, para quem "a correção da economia será uma tarefa não só do PT, se eleito, mas passa por outros setores, por outros partidos". Oded Grajew, presidente da Associação Brasileira dos Fabricantes de Brinquedos (Abrinq) e membro do Pensamento Nacional das Bases Empresariais (PNBE), corrente empresarial que se opõe à direção da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), mostrou-se um pouco mais otimista. Ele lembra, por exemplo, que em Israel o pacto social entre governo, empresários e trabalhadores só foi possível depois que o Partido Trabalhista, que tinha base popular, subiu ao poder e foi coordenar este entendimento nacional.